Numa obra comemorativa, é também de registar a ausência de publicação do texto da Concordata, pese embora a intenção anunciada de edição de um texto anotado por parte dos organizadores do Colóquio. Repertoriar as edições disponíveis do texto concordatário seria também outra opção possível. A edição mais recente de que temos conhecimento é de 1991, da responsabilidade da editora «Rei dos Livros».

Registe-se muito positivamente quer a realização das Jornadas, quer a publicação dos estudos nela apresentados. Desde a realização das Iª e IIª Semanas de Direito Canónico em 1963 e 1966, que nenhuma iniciativa de envergadura fora desenvolvida para reflectir sobre a Concordata.

Em síntese: uma abordagem predominantemente jurídica, fundamental para o melhor conhecimento da inserção da Igreja católica na sociedade portuguesa. Reconhecer que Portugal é um Estado concordatário, embora de separação Igreja-Estado, é condição essencial para a compreensão da realidade eclesial e política contemporânea, facto que os analistas sociais teimam, muitas vezes, em ignorar. Doravante será mais fácil conhecer as implicações concretas deste acordo de Direito internacional, celebrado com a Santa Sé e que marca uma nova etapa nas relações da Igreja católica com o Estado português.

Paulo F. de Oliveira Fontes

TRINDADE, Manuel de Almeida, bispo, — *Urbano Duarte*. 2 vols. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989, 506 p.; 443 p.

A obra é composta por um desenvolvido ensaio biográfico (p. 9-120 do vol. I), seguido de extensa selecção de textos do biografado, publicados entre Junho de 1951 e Maio de 1980, apresentados por ordem cronológica. No primeiro volume publicam-se textos que vão de 1951 a 1974, subdivididos por três períodos: o primeiro, desde o início da colaboração do Pe. Urbano Duarte no *Correio de Coimbra* até à realização da primeira sessão do Concílio Vaticano II (1951-62); o segundo período estende-se até ao início da «primavera marcelista» (1962-68); e o terceiro compreende aquela e termina com «a revolução dos cravos». Os textos publicados entre Maio de 1974 e Maio de 1980, ocupam o segundo volume, enquadrados por uma «Nota introdutória» (p. 9-20) que analisa o novo contexto político e suas implicações no campo social e religioso. Cada volume inclui utilíssimo índice onomástico.

Os textos aqui coligidos foram seleccionados da abundante produção jornalística de Urbano Duarte na sua regular coluna de opinião no *Correio de Coimbra*, jornal da diocese, de que foi Director (de 23 de Junho de 1951 a Julho de 1978). «Sintomas» é o título desta coluna de opinião, que indicia, de imediato, a perspectiva do ponto de observação e o interesse da sua análise para o conhecimento da realidade sócio-cultural, política e religiosa de Portugal ao longo de três décadas. A personalidade multifacetada do biografado, o seu enraizamento no meio coimbrão e,

simultaneamente, a sua curiosidade e abertura de horizontes, são garante do interesse desta «viagem».

A relação entre o religioso e o cultural, a procura de renovada presença da Igreja na sociedade e de uma correcta articulação Igreja-Estado, são algumas das preocupações que percorrem os textos e justificam o critério de organização e periodização seguido pelo A.

Contrariando as dificuldades devidas à escassez de documentação autógrafa — já que o espólio manuscrito de Urbano Duarte ardeu, devido a ignorância ou a insensatez (!) —, D. Manuel de Almeida Trindade, bispo emérito de Aveiro, consegue reunir e apresentar um conjunto de dados relevantes, de modo a traçar o perfil biográfico de Urbano Duarte: as suas «raízes» em Pampilhosa da Serra (n. 21 de Fevereiro de 1917); a frequência do Seminário de Coimbra (entrada em 1929-30); a sua partida para Roma, onde frequentou a Universidade Gregoriana (em Outubro de 1934); o regresso a Coimbra, depois de terminada a licenciatura em 1940; o seu trabalho na diocese, como professor de Teologia no Seminário, professor de Religião e Moral no Liceu D. João III e assistente eclesiástico do Centro Académico da Democracia Cristã (de 1942 a 1956); as suas viagens e o contacto com a realidade internacional (a sua visita ao Ultramar com o Orfeão Académico em 1949, deslocações a França e à Alemanha em 1956, ao Brasil em 1962 e à Inglaterra em 1970); a sua acção como jornalista, desde a colaboração na revista *Estudos* à sua actividade como director do *Correio de Coimbra*; e, finalmente, a sua actividade como polemista católico, ilustrada pelas suas tomadas de posição sobre questões religiosas, nomeadamente no debate acerca do Projecto de Código Civil de 1966, que o opôs ao Doutor António Leite S.J., ou ainda a propósito da edição do livro *Fátima desmascarada*, em 1971.

O A., condiscípulo do biografado, termina com «traços de um perfil» humano, que caracterizam o Pe. Urbano Duarte: homem de «serenidade e ternura», dotado de «grande sensibilidade e inteligência intuitiva», que soube cultivar pelo ensino e por actualizadas leituras; «homem de fé arreigada» que acompanhou e, em muitos campos, entreviu o «aggiornamento» do Concílio Vaticano II; e ainda católico «atento aos problemas sociais e políticos», que acompanhou e em que se empenhou pela sua pena, de modo particular no pós 25 de Abril.

Ao longo do ensaio, o A. alia aos testemunhos e fontes directas, a sua vivência e conhecimento de pessoas e lugares, facto que muito contribui para uma descrição informada dos ambientes da época e uma aproximação contextualizada da figura do biografado, evocando outros personagens, referindo acontecimentos significativos e resumindo situações. Assim, o estudo de D. Manuel de Almeida Trindade, ao dar-nos a conhecer uma das *figuras notáveis da Igreja de Coimbra* — título de um outro livro seu a que nos referimos no tomo V da *Lusitania Sacra* —, contribui decisivamente para um melhor conhecimento da história social e religiosa do Portugal contemporâneo.

Paulo F. de Oliveira Fontes